

O uso do cinema em aulas de filosofia: roteiro didático para a aprendizagem de conceitos através de filmes

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.2.7347>

Bruno José Yashinishi¹

Resumo: O presente artigo pretende explorar as potencialidades do cinema no ensino de Filosofia para séries do Ensino Médio. A proposta é utilizar filmes em sala de aula para suscitar o ensino e aprendizagem de conceitos filosóficos. Dessa forma, serão apresentadas fundamentações teóricas e metodológicas sugerindo um roteiro de aula capaz de elucidar as relações entre cinema e Filosofia; filmes e conceitos filosóficos; Arte cinematográfica e Educação e entre experiência cinematográfica e educativa. Nesse sentido, objetiva-se demonstrar que a utilização de filmes em sala de aula, atendendo a metodologia adequada, pode se tornar uma estratégia fecunda para o ensino e aprendizagem de conceitos filosóficos através da experiência cinematográfica. Também, ao final do texto, serão apresentadas algumas sugestões de filmes a serem trabalhados em aulas de Filosofia, associados a conteúdos desse componente curricular, a filósofos e conceitos.

Palavras-chave: Cinema e educação; Ensino de filosofia; Filmes e filosofia; Conceitos filosóficos.

The use of cinema in philosophy classes: didactic script for learning of concepts through films

Abstract: This article aims to explore the potential of cinema in the teaching of Philosophy for high school grades. The proposal is to use films in the classroom to encourage the teaching and learning of philosophical concepts. In this way, theoretical and methodological foundations will be presented, suggesting a class script capable of elucidating the relationships between cinema and Philosophy; films and philosophical concepts; Cinematographic Art and Education and between cinematographic and educational experience. In this sense, the objective is to demonstrate that the use of films in the classroom, given the appropriate methodology, can become a fruitful strategy for teaching and learning philosophical concepts through the cinematographic experience. Also, at the end of the text, some suggestions of films to be worked on in Philosophy classes will be presented, associated with contents of this curricular component, with philosophers and concepts.

Keywords: Cinema and education. Philosophy teaching. Films and philosophy. Philosophical concepts.

Introdução

A presença da Filosofia enquanto disciplina na grade curricular do Ensino Médio tem uma história conturbada no Brasil, oscilando entre a obrigatoriedade, facultatividade ou a completa exclusão (RODRIGO, 2009).

Uma das garantias para a sobrevivência da disciplina nos currículos deve-se à sua inegável contribuição a uma formação ética e política. No entanto, torna-se imprescindível a

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista da CAPES/UEL (Doutorado). E-mail: yashinishibruno@outlook.com

elaboração de propostas concretas para seu ensino “de modo que não sejam somente propostos os conteúdos, mas que se atente principalmente ao modo como tais conteúdos serão desenvolvidos com os alunos” (CAMPANER, 2012, p. 14).

Como se vive um momento peculiar no tocante à Educação brasileira, com mudanças ainda incertas oriundas das orientações da BNCC e da Reforma do Ensino Médio, sobretudo no ensino de Ciências Humanas, o presente artigo concebe a sala de aula como espaço de autonomia docente, principalmente ao buscar alternativas didático-pedagógicas diferenciadas, como é o caso de se trabalhar com filmes para o ensino/aprendizagem de conceitos, tornando-se uma prática de resistência para a valorização dos conhecimentos filosóficos na escola.

Além disso, deve-se considerar a grande importância da incorporação das linguagens artísticas na formação humana integral, sendo que a Arte é um elemento fundante em uma educação ético-estética, onde os sujeitos são levados a olharem o mundo de forma mais ampla, detalhada e profunda.

Nesse sentido, a proposta é corroborar com a aprendizagem de conceitos filosóficos através da arte cinematográfica, portanto, esse artigo irá propor uma metodologia adequada ao uso de filmes em sala de aula através da sugestão de um roteiro de aula como estratégia fecunda para o ensino e aprendizagem de conceitos filosóficos através da experiência com o cinema.

Também, ao final do texto, serão apresentadas algumas sugestões de filmes a serem trabalhados em aulas de Filosofia, associados a conteúdos desse componente curricular, a filósofos e conceitos².

O cinema como experiência educativa

O teórico de cinema Jean-Claude Bernadet (2006) afirma que um filme deve ser compreendido como um complexo “ritual” envolvendo inúmeros elementos diferentes da atividade humana e não somente uma história reproduzida numa tela para o deleite ou não de seus espectadores. Nesse sentido, apesar de seu caráter comercial e industrial, o cinema pode ser considerado como uma legítima expressão artística e a experiência cinematográfica pode se tornar uma experiência educativa.

² Para elaboração dessas sugestões foram selecionados apenas sete filmes, devido à ampla possibilidade de obras possíveis de serem trabalhadas em sala de aula. A escolha desses filmes deve-se à suas adequações aos conteúdos estruturantes do componente curricular de Filosofia para as séries do Ensino Médio (Metafísica, Epistemologia, Estética, Ética, Política, Filosofia da Linguagem, Lógica e Filosofia da Ciência).

Stephenson e Debrix (1969, p. 21) elucidam a relação entre Arte e realidade sob três pontos:

Primeiro, o artista vive no mundo real, e da sua vida – sua experiência – tira inspiração ou intuição artística [...] Em segundo lugar, a arte está relacionada à realidade porque tem que ser expressa através de um veículo adequado [...] Finalmente, na terceira etapa, o artista – a não ser que se satisfaça em deixar que sua obra permaneça desconhecida, exceto por si mesmo (e nesse caso, ela mal existe) – tem que apresentá-la a um público real.

Diante destas colocações, os autores consideram o cinema como uma expressão artística legítima e relacionada com a realidade, ao passo que acarreta em si os três aspectos mencionados anteriormente: “Como qualquer outra arte, a realização de um filme pode ser analisada à base da intuição, execução e exibição” (STEPHENSON; DEBRIX, 1969, p. 24).

Sendo Arte, a experiência com o cinema pode ser concebida enquanto experiência educativa. Para o filósofo John Dewey (2010), a Arte possui um caráter educativo na medida em que se atribui valor à experiência. A experiência, por sua vez, deve ser considerada em todo o seu processo, tornando-se assim estética e conseqüentemente educativa³.

Utilizando as reflexões de Dewey como fundamentação teórica, para Paula Linhares Agerami (2014, p. 96):

Com a experiência educativa propiciada pelo cinema almejamos que no sujeito seja desencadeado um pensamento reflexivo, que não se limite a um método racional, mas que englobe o pensamento qualitativo, que permite uma fuga dos enquadramentos meramente lógicos e racionais, tendo como grande centro a própria experiência estética, originando uma reflexão que busque respostas éticas à vida presente.

Em conformidade com a autora, é possível afirmar que o cinema pode propiciar uma experiência estética, qualitativa e reflexiva no espectador e, conseqüentemente, uma experiência educativa. Adriana Suarez (2018) defende que o cinema é um grande aliado para a formação de indivíduos mais críticos e de uma sociedade emancipada. A autora propõe que a metodologia para abordagem do cinema em Educação não deve dissociar o conteúdo (significado) e a forma (significante) do filme, pois compreender a linguagem cinematográfica dessa maneira proporciona uma experiência mais significativa ao espectador.

³ Segundo Dewey (2010), a experiência combina dois elementos: um ativo, agir sobre o objeto da experiência, e um passivo, no qual a experiência é um sentir ou sofrer as conseqüências de um objeto sobre o sujeito. A experiência entendida de forma completa significa compreender indissociavelmente aquilo que as coisas fazem ao sujeito e aquilo que o sujeito faz sobre elas, sempre produzindo novas experiências.

Os teóricos da Escola de Frankfurt colaboram com esse artigo ao suscitar um debate a respeito da Indústria Cultural sob o campo epistemológico da Teoria Crítica. Nesse sentido, o texto de Adorno e Horkheimer (1985) permite entender que o cinema também está inserido na dinâmica da Indústria Cultural e, portanto, deve ser problematizado enquanto produto, mercadoria, espetáculo para as “massas”.

Entretanto, para Benjamin (1985) tanto a produção como a reprodução do cinema estão permeadas pela técnica e mantém uma relação indissolúvel com a realidade, sendo capaz de revolucionar o próprio conceito de Arte. Dessa forma, Benjamin acentua que o cinema não se limita à alienação na sociedade capitalista, mas pode fomentar a capacidade crítica das pessoas para a construção de uma sociedade emancipada.

Sendo assim, o cinema pode ser considerado um instrumental polivalente quando associado a práticas educacionais. Napolitano (2003, p. 11) salienta que: “[...] dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e ‘difíceis’, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar”. Para o autor, a atividade escolar com o cinema deve ir além da experiência cotidiana, de assistir a filmes no ambiente doméstico, pois o professor tem nesse caso um papel fundamental de posicionar-se como mediador de leituras que incentivem o educando a se tornar um espectador mais crítico e exigente.

Duarte (2002, p. 107) afirma que: "Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam", ou seja, no caso do trabalho escolar com filmes é preciso que o cinema não seja tratado como mero recurso pedagógico de segunda ordem, mas antes como uma forma legítima de arte, que por sua vez se constitui enquanto uma rica fonte de conhecimentos. Para tanto, é preciso que o professor recorra a métodos de leitura e análise específicas para as narrativas fílmicas.

As possibilidades do filme em aulas de Filosofia

Ribas e Cenci (2007) analisam a relação entre cinema e Filosofia sob dois aspectos: aquilo que, na Filosofia, interessa ao cinema e aquilo que, no cinema, interessa à Filosofia. Aqui se pretende explorar o interesse da Filosofia pelo cinema, principalmente pela sua potencialidade educativa para o ensino e aprendizado de conceitos filosóficos no Ensino Médio.

Para Platão e Aristóteles, o espanto e a admiração são condições primordiais para a reflexão filosófica. Essas condições são compartilhadas pelo cinema, já que os filmes, além de buscarem certa representação do real em suas imagens, também proporcionam a produção de

saberes e sentidos e, através da linguagem cinematográfica, potencializam a capacidade de reflexão, compreensão e de sintetizar emoção e razão, realidade e imaginário. Conforme Almeida (2015, p. 76):

É nessa perspectiva que o cinema é muito mais do que técnica (dispositivo tecnológico), muito mais do que arte (o cinema visto como forma expressiva) tornando-se ele mesmo um dispositivo conceitual que não se oferece como meio para o pensamento, mas converte a si mesmo em imagem-pensamento.

O Cinema pode ultrapassar a convencional função de entretenimento ou indústria e se configurar como um lugar privilegiado do pensamento, capaz de proporcionar reflexões filosóficas.

Fresquet e Migliorin (2015) afirmam que o cinema é conhecimento e invenção de mundo, pois a projeção de filmes no ambiente escolar e com finalidade pedagógica permite a ampliação cognitiva tanto de questões sociais quanto pessoais através da experiência cinematográfica.

No entanto, é preciso salientar que: “A simples apresentação de um filme ou programa de televisão, sem nenhum tipo de trabalho pedagógico anterior ou posterior à ação, desloca professores e alunos para uma forma receptiva e pouco ativa de ensino” (KENSKI, 2007, p. 87). Conforme Moraes (2012, p. 4):

O processo mental na leitura de uma imagem é substancialmente diferente do processo executado na leitura da palavra escrita enquanto linguagem. Compreender essas diferenças pode nos ajudar a criar condições mais favoráveis para que um “aluno-espectador” possa usufruir da obra cinematográfica e estabelecer conexões desta com os conceitos suscitados em aula.

Nesse sentido, para que o uso do cinema em sala de aula promova reflexões e conhecimento sobre os conceitos é preciso que se adote e desenvolva uma metodologia capaz de articular, tanto a forma, quanto o conteúdo do filme, com os conteúdos estudados no componente curricular de Filosofia. Marcos Napolitano (2003) sugere que o professor prepare antecipadamente seu planejamento de atividades e indica alguns procedimentos importantes na formulação de um roteiro de aula que utilize um filme como recurso didático, através de duas fases: o plano de atividades e a análise do filme.

Na primeira fase, o docente precisa pensar o uso de um filme dentro de um planejamento geral e, em seguida, selecionar o filme a ser trabalhado, procurando

informações básicas sobre ele, além de conhecer a cultura cinematográfica dos estudantes. Na segunda fase, o filme não deve ser exibido imediatamente em sala de aula, mas precedido de um roteiro de análise para os alunos, fundamentado em textos de apoio. Em seguida, deverão ser formados grupos de discussão sobre a proposta do filme que elaborem uma síntese relacionando a obra cinematográfica com o conteúdo estudado (NAPOLITANO, 2003).

Diante desses pressupostos teóricos e metodológicos, o presente artigo irá apresentar mais adiante um roteiro específico voltado ao trabalho com o cinema em aulas de Filosofia, sobretudo para o ensino e aprendizado de conceitos filosóficos através dos filmes.

A importância da aprendizagem de conceitos em Filosofia

Antônio Joaquim Severino (2007) aponta que o conhecimento humano tem início com a formação de conceitos, concebidos enquanto imagens mentais que procuram representar objetos, ou seja, representações intelectuais da essência de um objeto. Além disso, Para Gallina (2004), a aprendizagem de Filosofia não remete a uma simples aquisição de saberes, mas à constituição de problemas que implica na criação de conceitos, entendidos como seminais à atividade e conhecimento filosóficos.

Trabalhar com conceitos em Filosofia no Ensino Médio permite explorar as potencialidades destes no processo epistemológico. Conforme Barros (2016), os conceitos são elementos fundamentais para a produção de conhecimentos e auxiliam na construção de um discurso inteligível sobre a realidade natural e humana a ponto de torná-las mais compreensíveis a partir de diversos pontos de vista.

Através de conceitos, os especialistas de determinado campo de saber – ou mesmo de qualquer campo de atividades que mobilize seus próprios conceitos para fins diversos – comunicam-se entre si, falam uma linguagem em comum, nem sempre acessíveis aos leigos ou aos não iniciados nas suas ciências e artes (BARROS, 2016, p. 36).

Dessa maneira, o autor demonstra seis funções dos conceitos no processo epistemológico: comunicar; organizar; generalizar; comparar; problematizar e aprofundar⁴. A partir dessas funções atribuídas aos conceitos fica clara a dimensão de suas importâncias no processo de ensino/aprendizagem, de modo particular, na disciplina de Filosofia.

⁴ Barros (2016) aponta que os conceitos são “unidades de comunicação” ao comunicarem algo ou uma ideia. Para tanto, utilizam a função de organização do pensamento. A generalização e comparação são duas funções interligadas, possibilitando dessa forma que os conceitos gerem problemas que devem, por fim, serem aprofundados no processo epistêmico.

Aprendendo conceitos filosóficos através de filmes

Como supracitada, a importância do aprendizado de conceitos em Filosofia é fundamental. Mas é possível aprender conceitos de Filosofia através de filmes? Como utilizar o cinema de forma adequada em aulas de Filosofia?

A resposta para a primeira questão é afirmativa. No entendimento do cinema enquanto experiência educativa torna-se possível explorar sua capacidade de transmitir conceitos. Essa capacidade é entendida pelo filósofo Julio Cabrera (2006) como “conceito-imagem”, ou seja, os filmes têm uma intencionalidade para transmitir um dado conceito sobre algo que diz respeito ao mundo e ao ser humano através das imagens em movimento, que causam experiência emocional e ao mesmo tempo reflexiva nos espectadores.

Oliveira e Jardim (2019, p. 21) se amparam em Deleuze para afirmarem que o cinema, tal qual a Filosofia, é capaz de criar conceitos e promover a reflexão dos estudantes:

Considerando o pensamento deleuziano, podemos observar que o encontro da filosofia com o cinema na educação oferecerá ao aluno-espectador um novo campo de experiência/experimentação. Desse modo, se os filmes só ganham existência quando direcionam um sujeito ao campo do pensamento, percebemos a grande potencialidade educacional presente nas produções cinematográficas, visto que estimulam a prática de “pensar e criar novos conceitos”.

Sendo assim, o uso de filmes em aulas de Filosofia pode suscitar uma aprendizagem de conceitos relacionados de forma crítica, refletiva, prazerosa e significativa. Evidentemente que o filme não transmite conceitos “por si só”, ou seja, não é somente assistindo a uma obra cinematográfica que o estudante vai aprender Filosofia. A resposta para a segunda questão colocada acima é de que é preciso desenvolver uma metodologia adequada que explore as potencialidades do cinema não somente como recurso didático, mas como experiência educativa. A metodologia proposta será explorada a seguir.

Uma sugestão didática: a construção do Roteiro de Aula

Seguindo as orientações de Marcos Napolitano (2003), será apresentada abaixo uma sugestão para o trabalho com filmes em sala de aula através de um Roteiro de Aula.

Esse roteiro poderá ser utilizado nas aulas de Filosofia para as três séries do Ensino Médio, independente da temática das aulas, mas desde que se objetive o aprendizado de

algum conceito filosófico. O roteiro foi adaptado da proposta do artigo *A Filosofia no Ensino Médio: o Cinema como Recurso Didático*, de Doimo e Gebran (2018).

Quadro 1 - Modelo de roteiro de aula

1º MOMENTO: ANTES – PARTE INFORMATIVA				
ELEMENTOS	1. FICHA TÉCNICA			
	a) Título	b) Ano	c) País	d) Gênero
	f) Produção	g) Direção	h) Duração	
	i) Elenco principal			
	j) Sinopse			
2º MOMENTO: DURANTE – PARTE INTERPRETATIVA				
ELEMENTOS	2. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DAS CENAS			
	a) Cena selecionada (? min a ? min)			
	b) Forma e conteúdo (indissociáveis)			
	3. CONCEITOS VEICULADOS PELO FILME			
	a) Qual o tema do filme? (cena)			
	b) Relação com o conteúdo estudado			
	c) Associação de conceitos a autores			
3º MOMENTO: DEPOIS – PARTE FORMATIVA				
ELEMENTOS	4. ATIVIDADES AVALIATIVAS			
	a) Discussões sobre o filme e conceitos			
	b) Produções textuais			

Fonte: Adaptado de: DOIMO; GEBRAN, 2018. p. 64. (elaborado pelo autor).

O procedimento metodológico empregado implicará em revisões bibliográficas (sobre filósofos; conceitos; conteúdos didáticos) e filmográficas (apresentado informações relevantes sobre os filmes selecionados) fazendo com que a aula passe por três momentos e partes:

O primeiro momento (Antes) é aquele anterior à aula, onde o professor deve selecionar um filme adequado, o assistir quantas vezes for necessário, escolhendo trechos ou cenas específicas, sempre tendo em vista a classificação indicativa da obra e de que forma o material fílmico vai oferecer possibilidades didáticas. A primeira parte (Informativa) será aquela onde o professor fará uma pesquisa sobre elementos básicos do filme (ficha técnica,

sinopse, elenco, etc.) e vai informar aos estudantes antes da exibição do audiovisual em sala de aula⁵.

O segundo momento (Durante) é aquele em que se fará a exibição do filme ou cena para os estudantes em sala de aula, o qual foi previamente selecionado em relação àquilo que vão assistir e quais propósitos. A segunda parte (Interpretativa) é onde o olhar do aluno será direcionado para aspectos importantes do filme por meio de questões que o levem a refletir filosoficamente através de quatro passos didáticos (Sensibilização, Problematização, Investigação e Conceituação) (GALLO, 2012)⁶.

O terceiro momento (Depois) é o que ocorre posteriormente à exibição do filme, ou seja, o momento de propor a análise, o aprofundamento e as atividades. Na terceira parte (Formativa) serão referenciados os conceitos trabalhados nas aulas de Filosofia a serem apreendidos a partir do filme exibido, valendo-se do apoio do material didático e de atividades avaliativas complementares ao filme (DOIMO; GEBRAN, 2018)⁷.

Sugestões de filmes e propostas de trabalho

Quadro 2- Lista de filmes e conceitos filosóficos

FILME	CONTEÚDO	AUTOR	CONCEITOS
<i>O show de Truman</i> (1998)	Metafísica/ Epistemologia	Platão	Dualismo: Mundo sensível e inteligível
<i>Batman</i> (1989)	Estética	Aristóteles	Catarse
<i>Vida de inseto</i> (1998)	Ética	Immanuel Kant	Imperativo categórico
<i>O grande ditador</i> (1940)	Filosofia Política	Hannah Arendt	Banalidade do mal
<i>Uma mente brilhante</i> (2001)	Lógica	Gottlob Frege	Lógica matemática
<i>A teoria de tudo</i>	Filosofia da Ciência	Thomas Kuhn	Revolução científica/

⁵ Para coletar informações sobre a ficha técnica do filme, o professor pode se valer de sites voltados ao Cinema, tais como: *Filmow* (www.filmow.com.br), *Entreterse* (www.entreterse.com.br) ou *Adoro Cinema* (www.adorocinema.com.br).

⁶ Em síntese, Silvio Gallo (2012) descreve que a sensibilização ocorre pelo comprometimento afetivo do aluno com aquilo que vai ser trabalhado. A problematização é o passo em que o tema se torna um problema a ser investigado. A investigação é a etapa em que serão buscadas ferramentas, como a conceituação, por exemplo, para explorar a problemática. A conceituação é o passo em que se percebe a efetivação do ato filosófico abordando diversos conceitos da tradição do pensamento filosófico.

⁷ Existe aqui várias possibilidades de atividades, tais como produções textuais que relacionem o filme, conteúdos e conceitos; mesa-redonda; propostas de debates, etc.

(2014)			paradigma
<i>A general</i> (1927)	Filosofia da Linguagem	Ludwig Wittgenstein	Jogos de Linguagem

Fonte: O autor.

Evidentemente que o trabalho com os filmes selecionados acima não se esgotam aí, pois há uma ampla possibilidade de abordar com os mesmos filmes (ou com outros) mais conteúdos, conceitos e pensadores. *Mas se tratando de O show de Truman* (1998)⁸, por exemplo, o professor pode estimular os alunos a perceberem a Teoria das Ideias de Platão suscitada por cenas em que a personagem principal vai percebendo que o mundo em que vive não é real, mas apenas cópia, tal como o dualismo entre mundo sensível e inteligível no pensamento platônico.

Em *Batman* (1989)⁹, o drama vivido pelo protagonista Bruce Wayne convoca os espectadores à catarse em termos aristotélicos, isto é, a purificação ou purgação dos sentidos na identidade com a personagem trágica. A Ética pode ser abordada através do filme *Vida de inseto* (1998)¹⁰, quando o personagem Flick age de forma despreziosa e motivado pelo dever moral para salvar seu formigueiro.

A clássica sátira de Chaplin, *O grande ditador* (1940)¹¹, por si só já traz cenas que motivam a reflexão sobre o poder político autoritário em diversos enfoques, entre os quais as reflexões sobre a banalidade do mal de Hannah Arendt. Conceitos da Lógica, sobretudo sua aproximação com a Matemática no pensamento de Frege, podem ser abordados com a trama de *Uma mente brilhante* (2001)¹².

A teoria de tudo (2014)¹³ permite através da biografia de Stephen Hawking compreender o desenvolvimento dos paradigmas científicos e a revolução da ciência em termos de Thomas Kuhn. A comédia do cinema mudo *A general* (1927)¹⁴, de Buster Keaton,

⁸ O SHOW de Truman. Direção: Peter Weir. Produção: Scott Rudin e Andrew Niccol. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1998. 1 DVD, (103 min), son., color.

⁹ BATMAN. Direção: Tim Burton. Produção: Peter Guber e Jon Peters. Estados Unidos: Warner Bros, 1989. 1 DVD, (126 min), son., color.

¹⁰ VIDA de inseto. Direção: John Lasseter e Andrew Stanton. Produção: Darla K. Anderson e Kevin Reher. Estados Unidos: Walt Disney Pixar Studios, 1998. 1 DVD, (95 min), son., color.

¹¹ O GRANDE ditador. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Charlie Chaplin. Estados Unidos: United Artists, 1940. 1 DVD (125 min), son., P&B.

¹² UMA MENTE brilhante. Direção: Ron Howard. Produção: Brian Grazer e Ron Howard. Estados Unidos: Imagine Entertainment, 2001. 1 DVD, (135 min), son., color.

¹³ A TEORIA de tudo. Direção: James Marsh. Produção: Tim Bevan; Liza Chasin; e Eric Fellner. Estados Unidos: Universal Pictures, 2014. 1 DVD (123 min), son, color.

¹⁴ A GENERAL. Direção: Clyde Bruckman e Buster Keaton. Produção: Buster Keaton e Joseph Schenck. Estados Unidos: United Artists, 1927. 1 DVD (75 min), mudo, P&B.

pode motivar os estudantes a compreenderem os jogos da linguagem de Wittgenstein, já que mesmo sem o uso da fala, todas as mensagens do filme podem ser decodificadas e assimiladas pelos espectadores.

Considerações finais

Esse artigo objetivou demonstrar algumas possibilidades de se explorar o cinema enquanto experiência educativa no ensino de Filosofia para o Ensino Médio. Conforme Dewey (2010), a experiência com uma obra de Arte é estética, entendida de forma integral e, portanto, educativa.

Diante da relevância da aprendizagem de conceitos em Filosofia, a proposta foi apresentar sugestões teóricas e metodológicas capazes de motivar o trabalho docente com filmes em sala de aula.

Esse trabalho requer uma metodologia adequada para atingir seus propósitos da forma mais satisfatória possível, portanto, no artigo foi sugerida a elaboração de um roteiro de aula, baseado nas sugestões de Marcos Napolitano (2003) e de Doimo e Gebran (2018), capaz de elucidar as relações entre cinema e Filosofia; filmes e conceitos filosóficos; Arte cinematográfica e Educação; entre experiência cinematográfica e educativa.

Ao fim do texto foram apresentados alguns filmes a serem trabalhados em sala de aula relacionados com suas respectivas abordagens temáticas, pensadores e, principalmente, os conceitos filosóficos a serem estudados.

Sendo assim, as sugestões supracitadas podem motivar o trabalho com o cinema em aulas de Filosofia objetivando um aprofundamento e aprendizado de conceitos de forma lúdica, significativa e consequente.

Referências

ADORNO, T.W; HORKHEIMER M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALMEIDA, Jorge Miranda de. Diálogo entre a Filosofia e o Cinema. **ALCEU**. v. 15, n. 30, p. 168 a 181, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu%2030%20pp%20168%20a%20181.pdf>>. Acesso em 24 dez. 2022.

ANGERAMI, Paula Linhares. **Cinema, educação e filosofia**: possibilidades de uma poética no ensino. 2014. 124 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília – SP, 2014.

BARROS, José D`Assunção. **Os conceitos**: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis – RJ: Vozes, 2016.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In:_____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas).

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia**: ensinar e aprender. São Paulo: Saraiva, 2012.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fotes, 2010.

DOIMO, Diego Augusto; GEBRAN, Raimunda Abou. A Filosofia no Ensino Médio: o Cinema como Recurso Didático. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 53–70, 2018. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7901>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação**: a Lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte – MG: Universo Produção, 2015. p. 4-21.

GALLINA, Simone. O ensino de Filosofia e a criação de conceitos. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 359-371, set./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/c5dBXFr7m85WnsrGyzTyhTD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 25 dez. 2022.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2012

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas-SP: Papirus, 2007.

MORAES, Ricardo Leite de. O cinema como material didático no ensino de sociologia: alfabetização visual e crítica da estética realista-naturalista. **Revista Mediações**, nº 1, v. 1, p. 1-18, jan-jun, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/lenpispibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20MORAES%20R.%20L.pdf>>. Acesso em 24 dez. 2022.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Adhemar Santos de; JARDIM, Alex Fabiano. O cinema como metodologia para uma prática de ensino de filosofia. **Revista Poiesis**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 17–31, 2019. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/4189>>. Acesso em: 22 dez. 2022.

RIBAS, Maria Alice C; CENCI, Marcio Paulo. Filosofia e Cinema: possíveis entrecruzamentos. **Thaumazein**, [S. l.], v.1, n.1, 2007, p.1-9. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/view/193/pdf>>. Acesso em 24 dez. 2022.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SUAREZ, Adriana Rodrigues. **Educação, cinema e linguagem cinematográfica: entrecruzamentos para uma metodologia de leitura fílmica crítica na formação inicial de professores de Artes Visuais (2018)**. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR, 2018.

Submissão: 29/12/2022. **Aprovação:** 03/02/2023. **Publicação:** 20/08/2023.